

---

## Editorial

---

# Citius, altius, fortius: a qualquer preço?

---

Paulo Tarso Veras Farinatti, Editor-Chefe da RBFEx

---

Jean-Louis Peytavin, Editor executivo

O noticiário recente destacou o fato de atletas brasileiros terem sido pegos em exames *anti-doping* realizados em Presidente Prudente/SP, tendo se valido da eritropoietina para aumentar seu desempenho.

Em um conto de ficção científica, o autor americano Ray Bradbury explora o tema da igualdade, imaginando um desportista excepcional que tem de usar *handicaps*, como solas de chumbo, para não ser superior aos concorrentes com capacidades inferiores. Pouco a pouco, impondo-se tal ideologia igualitarista, a beleza e a inteligência tornam-se suspeitas para a maioria dos feios e dos medíocres. As pessoas naturalmente bonitas passam a se esconder atrás de máscaras e os inteligentes a fingirem-se de idiotas.

Ao contrário, em nossa sociedade promovemos e adulamos o desportista fora dos padrões, muitas vezes tolerando, às escondidas, a fraude do *doping*. Em longo prazo, os resultados dessa valorização exacerbada podem representar um 'espelho' da ficção de Ray Bradbury: sem controle, a ajuda química tornar-se-á obrigatória para que os atletas sejam, de novo, iguais na linha de partida. O melhor ganhará, mas todos sobrecarregados em 'aparentados' da eritropoietina. Já se disse em certa oportunidade que os desempenhos do *Tour de France*, por exemplo, seriam impossíveis para ciclistas que não utilizassem esse hormônio.

O *doping* desenvolveu-se rapidamente a partir dos anos 1970, com o uso dos anabolizantes, anfetaminas e beta-bloqueadores, mas sofisticou-se a partir dos anos 1990. Apesar da melhora da fiscalização, o futuro da luta contra o *doping* é difícil e, para alguns, de sombrio prognóstico. Existe uma progressiva expansão de seu uso na juventude, especialmente no meio da musculação, no qual circulam produtos sem controle, desde os clássicos esteróides anabólicos até novidades como inibidores da miostatina. Fala-se também em *doping mental*, usando-se

produtos inicialmente prescritos para os distúrbios de atenção das crianças (ritalina), distúrbios do sono (modafinil) ou ainda para a doença de Alzheimer, a fim de aumentar o desempenho em exames acadêmicos.

A Sociedade Brasileira de Fisiologia do Exercício posiciona-se frontalmente contra todas as formas de *doping*. Para lá de efeitos colaterais frequentemente danosos, extensivamente descritos pela literatura, a aceitação, ainda que subreptícia, desse tipo de prática subverte os princípios que deveriam reger as competições desportivas, como o *fair-play*, ferindo de morte valores que emanam do assim chamado 'espírito desportivo'. O desenvolvimento tecnológico nas áreas de medicina, biomecânica, fisiologia do exercício, bioquímica, dentre outros campos do conhecimento vem proporcionando as condições para que os limites de desempenho sejam, a cada competição, redefinidos. No entanto, tal desenvolvimento coloca-se a serviço do atleta e, porque não dizer, da humanidade de forma geral. Fazer do progresso tecnológico ferramenta a serviço da vitória a qualquer custo, em detrimento da saúde dos atletas, da lisura das competições e, portanto, do próprio desporto, constitui atitude que deve ser condenada, por criminosa e antiética.

Aqueles que fazem da pesquisa em fisiologia do exercício sua área de atuação e interesse devem refletir sobre os limites da aplicação do conhecimento científico para melhorar o desempenho humano. Para além das questões relativas ao *doping*, discutidas em profundidade por diversos autores, nota-se que essa necessidade se faz tão mais premente quando se percebem os avanços na área da genética. É tênue a fronteira entre manipulação genética indesejável e o desenvolvimento de formas éticas para detecção de talentos, por exemplo. Não são poucos os que consideram cabível a possibilidade de manipulação genética para melhorar o desempenho atlético, não a entendendo

como forma de *doping*. Outros, porém, destacam ser frágil a fronteira entre o desejo de conhecer melhor o potencial de desempenho dos atletas desde idades precoces e a tentação de uma seleção arbitrária que nos remeteria aos ideais eugênicos de ditaduras fascistas do passado.

Como se percebe, a discussão em torno do tema da melhoria do desempenho humano é algo atual e envolve aspectos que ultrapassam o ganho de milésimos de segundo ou milímetros em provas atléticas. A aceitação ou recusa do *doping* como recurso para “*experimentar os limites do homem*” traduz uma visão de mundo. De um lado seus

defensores acenam com argumentos que se apóiam no cientificismo mais infame (é a ciência que desenvolve o *doping* e não se pode barrar a ciência), em hipotéticas vantagens econômicas (seria bom para a indústria farmacêutica etc) ou em um falso liberalismo (é direito do atleta se drogar...). De outro, alinham-se aqueles que defendem ser preciso balizar o desejo de aumentar cada vez mais os limites do corpo humano por valores éticos. Valores que, afinal, dão base para as competições desportivas e, porque não dizer, para a própria ciência – o entendimento de que, no fim das contas, nada deveria ser mais importante do que os próprios seres humanos...

---